

VIVENCIA COM AS CULTURAS MUSICAIS INDÍGENAS NO IFRR-CAM: Relação Professor Aluno

Autor (1); *Lucas Correia Lima
Co-autor (1);*Dérica Karoly Evarista Almeida

* Instituto Federal de Roraima – Campus Amajari – IFRR-CAM

* Instituto Federal de Roraima - Campus Boa Vista – IFRR-CBV

Resumo: O presente artigo traz um recorte da dissertação A Valorização das Culturas Musicais Indígenas e a Formação de Professores para o Ensino da Música na Universidade Federal de Roraima, pesquisa que teve como objetivo identificar e analisar a Cultura Musical Indígena aplicada no IFRR - CAM, e na formação de Professores do Curso de Música da Universidade Federal de Roraima. Neste recorte, a finalidade é mostrar a experiência com a Cultura musical indígena no CAM por meio de relatos de alunos indígenas que participam de atividades voltadas para a valorização indígena. O interesse do trabalho proposto não é só apenas relatar sobre a cultura musical indígena, mas sim, trabalhar esse tema como um conteúdo de aprendizagem que possa valorizar a cultura local. A diversidade cultural no ambiente escolar traz seus encantos e desencantos, pois a diferença causa conflitos, podendo ser religiosos, culturais étnicos ou sociais, para isso se faz necessário que professores tenham interesse e conhecimento no assunto. Trabalhos assim tem uma grande importância porque dentro das próprias comunidades indígenas de Roraima está perdendo muito essa valorização da cultura musical indígena, é muito comum irmos a um festejo em uma comunidade e ouvirmos a noite toda forró, e não presenciar o tipiti, tukui, parichara ou areruaia (ou aleluia) que são as músicas e danças tradicionais dos povos indígenas desse estado, é importante mostrar para essas comunidades que essas músicas precisam ser valorizadas, pois ela está preste a ser extinta.

Palavras-chave: Cultura Indígena, Identidade, Didática, Formação de Professores.

Introdução

Construído em 2009, na zona rural a três quilômetros da Vila Brasil, o Campus Amajari (CAM) do Instituto Federal de Roraima (IFRR) atende em sua maioria alunos indígenas de várias comunidades situadas no município e também de comunidades distantes que ficam em outros municípios a mais de trezentos quilômetros. Além dos alunos indígenas e não indígenas que moram na Vila Brasil ou em fazendas próximas, o Campus possui também alunos venezuelanos, pois o município de Amajari faz fronteira com a Venezuela, país que no momento passa por uma grande crise, e a procura por vagas de alunos venezuelanos têm aumentado no IFRR-CAM.

O objetivo deste trabalho foi pesquisar os conteúdos voltados para a cultura musical regional na formação de professores para ensino musical no ambiente escolar, como forma de valorizar e integrar a cultura musical e investigar, no Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Roraima, se a cultura musical indígena está incluída em seus conteúdos curriculares; bem como, relatar sobre a vivência dos alunos do IFRR-CAM com a cultura musical indígena nas suas comunidades e no ambiente escolar.

O aporte teórico da pesquisa versará sobre as teorias que apresentam a música como fator para o desenvolvimento humano. Buscará compreender de que maneira o professor poderá utilizar a cultura musical indígena, conhecendo seus princípios, bases filosóficas, valores e aplicação dentro do contexto escolar e cultural de uma determinada sociedade. Considerando que a música é uma manifestação cultural indígena, torna-se necessário lançar mão de ferramentas conceituais adequadas para compreender a cultura musical com seus fundamentos enraizados na ancestralidade, na oralidade, na memória, entre outros. A contribuição deste aparato teórico servirá para conduzir a uma reflexão sobre a identidade cultural e musical indígena no contexto escolar. A compreensão desta filosofia, que permeia a vida de muitos grupos culturais, ajudará a ampliar as perspectivas conceituais da educação musical, e estabelecer um diálogo entre contextos socioculturais.

Metodologia

Serão utilizados diversos procedimentos que, segundo Gil (2007, p. 141) “os dados podem ser obtidos mediante análise de documentos, entrevistas abertas, observação espontânea, observação participante e análise de artefatos físicos”. Deve-se focalizar também na possibilidade de que a construção da docência investigativa sustenta a reflexão crítica, encontrada na pesquisa qualitativa em sua modalidade de pesquisa colaborativa e comunicacional.

Resultados e Discussão

Compreender e trabalhar a música indígena no CAM é fazer com que a escola conheça a sua própria cultura e crie uma identidade que seja voltada para a sua realidade, oferecendo ao aluno condições para estar em contato com as tradições de suas comunidades, buscando assim sua valorização, promoção e preservação. A música desenvolve a mente humana promove o equilíbrio, proporcionando um estado agradável de bem-estar, facilitando a concentração e o desenvolvimento do raciocínio, em especial questões reflexivas voltadas para o pensamento filosófico e cultural, podendo acolher um público que está distante de suas comunidades.

Trabalhar com diferentes métodos de ensino não é uma tarefa fácil, mas é necessária ser enfrentada. O professor deve se adaptar ao contexto onde está inserido, transformar alguns conceitos enraizados da sua formação e aprender ensinar observando. Quando abordamos o assunto sobre identidade cultural no contexto escolar estamos envolvendo questões de valores que para alguns alunos são importantes, que marcam sua história e para muitos fortalecidos

pela globalização apenas um assunto passageiro. A maneira como for passado esse conhecimento que irá dizer se essa prática educativa deve buscar transformações ou a manutenção do público onde está inserida, não será apenas o conteúdo que vai determinar a direção e sim a didática, o modo de como o conhecimento é transmitido.

Discutir sobre identidade cultural indígena no CAM ainda deixa muitos alunos constrangidos em expor sua etnia, dizer em qual comunidade nasceu, isso tudo deixa-os muitos com muita vergonha e mesmo com todas as características de indígena alguns preferem não se alto declarar como indígena. Toda essa desconfiança é pelo fato de saírem de suas comunidades onde viveram todo o tempo e começar a compartilhar o mesmo ambiente com não indígenas onde acontece de alguma forma a prática de preconceito contra suas culturas.

As experiências aqui relatadas foram realizadas no IFRR - CAM por meio de entrevistas com alunos indígenas que moram em comunidades próximas, alunos indígenas que moram em comunidades distantes e que passam até mais de um mês no alojamento do CAM devido à distância e o custo para passar o final de semana na sua comunidade, indígenas que moram na Vila Brasil e também alunos não indígenas que participam das atividades voltadas para as culturas indígenas.

Tendo em vista a preservação da identidade dos integrantes da pesquisa, serão identificados apenas com as letras iniciais dos seus nomes.

Os principais objetivos desta pesquisa foram buscar entender como os alunos indígenas sentem em estudar e compartilhar o seu dia a dia com alunos, servidores e professores não indígenas, qual o sentimento sobre a valorização da sua cultura nesta Instituição, as dificuldades e o porquê de estudar em um local tão longe da sua família.

Podemos encontrar alunos que já tiveram contato com a música indígena desde a infância por influencia dos pais, sabem falar a língua nativa, e sempre participaram dos movimentos indígenas de sua e de outras comunidades, outros alunos, mesmo indígenas começaram a participar e aprender algumas músicas indígenas depois que ingressaram no campus.

J.M de 17 anos, aluno do terceiro ano do Curso Técnico em Agropecuária integrado ao ensino médio, nasceu na comunidade indígena do Surumu que fica no Município de Pacaraima, sempre morou lá até seu ingresso no CAM onde fica alojado, muitas vezes passa mais de um mês sem ir a sua comunidade devido à distância e a falta de recursos financeiros.

Não foi só a distância que J.M teve que enfrentar para estudar no CAM, o convívio com alunos e servidores não indígenas também foi uma das dificuldades que enfrentou ao sair

da sua comunidade e questiona o fato de muitos alunos indígenas não se autodeclarar como indígena.

Aqui tem alunos que são indígenas e não querem ser, eles querem ser branco, fazem de tudo para ser branco, tenta mudar até a aparência e fala que não é indígena, e eles não se aceitam, quando estão na comunidade eles querem ser índios, mas quando vão para cidade não quer ser, ele quer mudar a sua característica, seu pensamento, não quer falar mais da sua cultura, até a comida, não quer mais comer peixe, tomar caxiri (entrevista 2018).

Para J.M, foi no CAM que ele teve a oportunidade de participar de um grupo de parichara e é importante sempre ter projetos voltados para a valorização da cultura indígena:

Na minha escola tinha um grupo de parichara que eles apresentavam nas assembleias e era formada por alunos e professores, só que tinha competição para entrar no grupo, só os melhores que entravam no grupo de parichara, eu sempre concorria, mas não conseguia, para entrar tinha saber cantar e dançar as músicas, além do parichara tinha as disciplinas de macuxi e wapichana aí tinha que escolher uma das línguas, eu escolhi macuxi porque meus pais são macuxi, essa disciplina ficou da quinta série até o nono ano. Sobre a valorização das culturas musicais indígenas aqui no CAM acho que acontece muita coisa voltada para isso, porque na escola onde eu estudava só era mesmo nas assembleias que tinha alguma coisa que falavam sobre indígenas, aqui não, sempre estão falando sobre os indígenas, aqui valoriza as culturas indígenas, mas nas outras escolas não valorizam. Nos festejos nas comunidades atualmente a música que é mais tocada é o forró, depois do forró é o sertanejo e depois funk. O parichara só é tocado mesmo quando tem as assembleias dos indígenas. O que me interessou em participar dos grupos de dança e música aqui no Instituto foi porque eu queria participar mesmo porque lá na escola que eu estudava eu era doído para entrar no grupo de dança e não conseguia e aqui eu consegui. Com o passar do tempo eu achava que não era muito importante essas coisas indígenas não, mais percebi que é importante preservar a cultura acho que sempre que trabalharmos com isso é importante para preservar a nossa cultura. Quando eu me formar aqui pretendo fazer uma faculdade, se eu não passar na faculdade pretendo montar um negócio na minha comunidade, pegar tudo que eu aprendi aqui e colocar em prática e ganhar dinheiro com isso (entrevista 2018).

O espaço escolar não pode se tornar um local para impor valores culturais e massacrar as identidades esquecidas pelas mídias, àquelas que não geram lucro comercial, devemos trabalhar pela recuperação das memórias, pela valorização das línguas e de todos os seus conhecimentos, os alunos indígenas precisam de parceiros no ambiente escolar que fica fora das suas comunidades para encorajar a valorização da sua cultura, muitos alunos indígenas mesmo que participantes em muitas atividades na sua comunidade sentem-se desmotivados e ficam retraídos ao abordar de forma voluntária sobre sua cultura.

A aluna L.M de 17 anos é wapichana e está no segundo ano do Curso de Aquicultura integrado ao ensino médio sempre mora no Anigal a trinta quilômetros do CAM, apesar de ser a comunidade mais próxima do Instituto L.M é aluna interna devido à falta de transporte para a sua comunidade, sempre participa das atividades voltadas para a cultura indígena no CAM, ela explica que toda essa vontade vem da convivência com seu povo:

Na minha comunidade eu sempre fui participativa em tudo, na nossa comunidade eles valorizam muito o parichara a damorida o beiju e quando as pessoas chegam à comunidade eles apresentam o parichara para as pessoas de fora, para os “brancos”. E sempre eles trabalham isso com os alunos tem projetos voltados para plantações de banana, macaxeira, pau rainha e também fazem caxiri e quando os pais de família fazem a reunião geral na comunidade e chamavam os alunos mais jovens e marcavam um dia para ir ajudar na roça de um membro da comunidade aí então a escola ia e levava os alunos para ajudar na plantação, e cada mês ou por semana eles convidavam os alunos para ir ajudando uma família, mas hoje em dia isso já não acontece tanto como acontecia antes. Já participei de várias atividades indígenas antes de vir para o Campus Amajari em muitas comunidades indígenas: no araçá, mangueira, surumu, três corações, guariba, vida nova e aningal, essas foram às comunidades que já participei, que fala sobre a valorização dos indígenas e dos direitos e sempre participei em grupos de dança também, porque quando têm as assembleias indígenas nós sempre dançamos parichara (entrevista 2018).

Na maioria dos eventos do Instituto sempre é feito o convite para algumas das comunidades indígenas para participar e levar alguma apresentação cultural isso aproxima cada vez mais o CAM das comunidades e acaba influenciando na escolha do local para cursar o ensino médio.

Os principais eventos do CAM que abordam e mostram de alguma forma sobre a cultura indígena são: Semana dos Povos Indígenas, Mostra Pedagógica, Jogos Intercampi, Fórum de Integração – IFRR e na comemoração de aniversário do Instituto. A maior abordagem, onde acontecem as palestras, oficinas, jogos, música e dança indígena é na semana dos povos indígenas.

As dificuldades que L.M enfrentou no CAM não foi apenas com o fato de ter que morar longe da família ou com as disciplinas e o tempo de aula integral, ela sentiu dificuldades e preconceitos no convívio com os alunos e servidores não indígenas e dos próprios alunos indígenas que não se identificam como tal,

Logo quando eu cheguei aqui eu percebi um pouco que os “brancos” eles se acham melhor do que os indígenas só porque tem uma roupa melhor, eles chamam a gente de “caboco” uma coisa que eu não gostava dessa palavra, e também “índio” de uma forma desprezível e isso dói. Percebo que aqui no Instituto eles não esquecem sobre a identidade indígena, mas acho que ainda faltam mais coisas voltadas para os indígenas principalmente por parte dos próprios alunos indígenas para começar a valorizar ainda mais a nossa cultura, porque ainda é pouco, eu vejo aqui que tem muitos alunos indígenas que não querem ser visto como indígenas (entrevista 2018).

Como alguns alunos não sabem pronunciar as palavras ou cantar na língua macuxi ou wapichana os primeiros ensaios do grupo parichara acontecem na sala de música onde é escrito no quadro a letra da música e os alunos que sabem a pronúncia ensinam aos que não sabem, depois é passado à melodia da música com o auxílio da gravação de um CD feito por indígenas da comunidade do Maturuca, o que facilita é que no encarte deste CD possui a letra

da música na língua indígena e sua tradução para o português, outras músicas que não tinha no CD eram transmitida oralmente.



Ensaio na Sala de Música do CAM (Arquivo pessoal)

“Nas grandes festas Makuxi, os visitantes entram na aldeia anfitriã cantando e dançando Parichara. Os anfitriões, por sua vez, recebem os visitantes cantando e dançando Tukui” (CD - Makuxi Serenkato’).

O CD Makuxi Serenkato’ que foi disponibilizado por uma das alunas do grupo parichara para a audição e leitura das músicas foi gravado por cantores e músicos makuxi na comunidade Maturuca em janeiro de 2005, possui cantos Parichara e Tukui. Os cantos são de autoria desconhecida que foram ensinados de geração em geração.

A maioria das músicas que o grupo parichara canta são as músicas que estão gravadas no CD Makuxi Serenkato’ outras são passadas oralmente, principalmente as músicas wapichana, a diferença do macuxi para o wapichana não está apenas na língua, à maneira de dançar e de vestir também são diferentes, assim como dos outros povos.

Muitos alunos indígenas gostam de transmitir o conhecimento da sua cultura para os outros alunos, querem sempre aprender as músicas indígenas que não sabem e ensinar as músicas que já sabem. Isso é o que relata a aluna macuxi K. R de 15 anos que está no segundo ano do Curso Técnico em Agropecuária integrado ao ensino médio em regime de alternância.

Eu participo do grupo parichara aqui porque sempre gostei de participar dos eventos indígenas, não indígenas, e o parichara ele é importante para mim eu gosto muito de participar, eu gosto de dançar de cantar, de ensinar a dançar, gosto de aprender as outras músicas em macuxi que eu não sei as que eu sei eu ensino as pessoas, o jeito de pronunciar, não só é porque eu vim de uma comunidade, eu participo porque eu gosto, não é só por uma curiosidade é porque faz parte da minha cultura. Onde eu

estudava eu participava dos eventos indígenas, dançava nos grupos de parichara, fazia pulseira, cocar e brinco, a gente ia para as outras comunidades fazer apresentações e levava tudo que a gente fazia e até hoje a gente leva. Na minha comunidade quando tem algum festejo durante a noite sempre toca forró e durante o dia a gente fica cantando, brincando, faz alguma dramatização isso tudo voltado mais para a cultura indígena (entrevista 2018).

Depois que os alunos aprendem a cantar as músicas à segunda parte é a dança, os próprios alunos indígenas que montam a formação, sendo: três filas (todas formadas por casais), uma no centro e duas nas laterais, essas filas se encontram e formam um círculo com todos de mãos dadas. O grupo que participa do parichara são trinta alunos, mas quando acontece os ensaios no local de convivência do CAM chamado carinhosamente de “malocão” esse número dobra, pois o parichara é democrático todos podem participar, tanto os indígenas e os não indígenas brasileiros e venezuelanos, o interessante é que muitos alunos não indígenas acabam entrando na roda por curiosidade e acabam gostando, e sempre quando acontece apresentações no CAM eles participam. Observamos nas fotos seguintes um ensaio só com o grupo parichara no ginásio onde percebemos a formação inicial da dança e outro no malocão com mais alunos.



Ensaio do Grupo Parichara no Ginásio formação inicial – (arquivo pessoal)

O que alunos indígenas realmente precisam não é de um professor que ensinem a eles a sua própria cultura, querem apenas um apoio, um incentivo sobre a importância da valorização da sua cultura, querem se sentir em casa fazendo aquilo que gostam, para isso precisam de espaço dentro do ambiente escolar, não de espaço físico, mas sim de espaço intelectual sobre os seus valores no conhecimento de toda sociedade.



Ensaio do grupo parichara no malocão - (Arquivo pessoal)

A “educação” proposta pelos colonizadores aos povos indígenas foi uma educação sem respeito às diferenças culturais de cada povo indígena, voltada apenas para impor os padrões sociais que iriam beneficiar aos não índios. Os indígenas aprenderam a conviver com outros grupos pertencentes a outras etnias o que raramente acontecia, é muito comum encontrarmos alunos descendentes de duas etnias diferentes. No grupo de parichara do CAM não é necessário discutir sobre valores culturais, porque observando o grupo aprendemos muito, são indígenas de várias etnias diferentes um aprendendo a língua, a dança a música do outro e ensinando também para os não indígenas brasileiros e venezuelanos, tudo isso de forma espontânea e voluntária sem ninguém ser obrigado a nada sem valer nota em nenhuma disciplina, assim os conhecimentos se unem para que haja uma relação de harmonia entre os diferentes grupos.

A aluna do primeiro ano do Curso Técnico em Aquicultura integrado ao ensino médio Y. Y ainda tem grande dificuldade em falar português, veio de uma comunidade distante e praticamente isolada onde só falam a língua indígena Taurepang, nasceu em uma comunidade indígena na Venezuela divisa com o Brasil e se mudou ainda pequena para o Brasil, assim ela relata:

Sou taurepang, nasci em casa mesmo em uma comunidade Indígena da Venezuela chamada Waramasen e fui crescendo lá, minha mãe é guianesa, na verdade ela é mistura com os três, venezuelana, brasileira e guianesa porque a família dela mora em todos os lugares, e meu pai é indígena brasileiro. Lá na Venezuela eu falava só Taurepang e espanhol, quando eu vim para o Brasil fui esquecendo o espanhol e fiquei falando só mais taurepang e um pouco de português até hoje eu não sei falar muito bem português. O ensino fundamental eu tive que estudar um ano na Comunidade Boca da Mata que é no São Marcos. Lá eu não entendia o português porque eu só falava na minha língua e espanhol aí todo mundo olhava para mim porque eu era calada, na hora que eu cheguei todo mundo ficou olhando para mim,



porque eu não falava nada, e eu não entendia nada, toda vez que eles falavam comigo eu não respondia porque eu não entendia, aí depois eu comecei a entender e depois virou tipo a minha língua, só escutando, eu comecei escutar e comecei a entender mas eu não falava, eu não falava direito, eu já tinha onze anos, então eu comecei a aprender só escutando eles falando. Nessa escola da Boca da Mata eu comecei a participar de reuniões indígenas só que eu não entendia nada e me dava sono, porque eu não entendia nada do que eles estavam falando. A professora mandava a gente fazer relatório e eu não fazia nada porque eu não entendia nada. Depois eu comecei a participar, comecei a gostar das reuniões, dos encontros de jovens, das reuniões dos professores indígenas muitas vezes. Então eu comecei a gostar de ouvir as reuniões e até hoje eu gosto, e quando tem pessoas falando eu já quero pedi silêncio porque atrapalha. Depois tive que mudar para a escola Santa Rosa que já é na Raposa Serra do Sol porque eu fui morar com minha Tia, aí eu estudei dois anos lá, nessa comunidade que eu comecei a falar português, tinha uma menina que queria aprender a falar na minha língua ela queria me ensinar a falar português aí eu comecei a aprender mais com ela, e toda vez que ela falava eu conversava com ela em português, aí depois eu sai de lá porque minha prima tinha engravidado... Nos festejos da minha comunidade toca merengue, tem salsa, tem música da banda calypso, reggaeton e forró é tudo misturado, música da Venezuela e do Brasil, igual a língua lá eles falam, português, inglês, espanhol, taurepang, kamarakoto e ainda tem outras línguas que entraram na minha comunidade. Eu fiquei sabendo daqui do Instituto porque conhecia um menino que estudava aqui, e a irmã dele trabalhava lá na minha comunidade, ela dava aula para a gente, e já tinha me convidado para estudar na comunidade dela, mas só que a irmã dela falou para eu vim para estudar aqui porque tinha abrido inscrição e aí ela também falou para eu vim estudar aqui porque aqui seria bom, aí eu pedi para minha mãe, mas ela não queria deixar e aí eu fiquei triste, aí eu perguntei para ela “onde eu vou estudar?” porque eu não queria estudar em Pacaraima porque eles iam fechar a barreira com a Venezuela e não ia dá para passar, e também é muito difícil pegar transporte, aí ela acabou deixando, e depois eu fiquei com medo de vir porque era muito longe, eu ainda orei para não sair meu nome porque tinha muita gente inscrita, aí fiquei pensando se iria dá certo, acabei me arrependendo de querer vir para cá, porque ia ficar longe da minha mãe e ela ficou preocupada de acontecer alguma coisa comigo. Então quando saiu meu nome eu me assustei, fiquei feliz, mas triste também porque eu ia deixar a minha família longe, depois que eu vim, eu gostei da escola quando cheguei aqui, eles ensinam mais, abrem mais a nossa inteligência. Eu só conhecia uma menina daqui que é de Pacaraima ela me mostrou o alojamento e perguntou se eu queria ficar no quarto dela e eu disse que sim, eu só conhecia ela, eu vi outras meninas lá e só disse oi para elas. Quando fui para a sala de aula eu achei tudo estranho porque eu nunca tinha estudado com alunos brancos, era só com indígenas mesmo, aí eu ficava com vergonha, eu achava que eles eram ignorantes, mas só que não foram, eles também são igual a gente. Aqui eu acho difícil ter que explicar em português eu não consigo direito eu posso até entender, mas não consigo falar direito isso que mais me atrapalha, e também a distancia da minha casa. Já no alojamento é bacana é tipo como a gente tá em casa mesmo tem as meninas elas são tipo as minhas irmãs. Aqui eu nunca tive problema por ser indígena de sofrer algum tipo de preconceito. Acho que os professores daqui gostam de conviver com os indígenas, porque se eles não gostassem da cultura indígena eles não iam aceitar a gente, parece que eles gostam sim. Eu participei do grupo parichara porque é minha cultura, eu cresci em comunidade indígena meus pais são indígenas então eu tenho que levar minha cultura, eu tenho que crescer ela, eu não posso esquecer ela porque ela é a minha vida eu cresci assim, faz parte da minha vida. Depois que eu terminar aqui eu quero fazer medicina, estudar para poder ajudar a minha mãe porque ela já está velhinha aí quero fazer uma casa para ela (entrevista 2018).

Todo ano acontecem às assembleias indígenas no lago do Caracaranã que fica no Município de Normandia, todas as comunidades indígenas de Roraima são convidadas a participar, neste ano (2018) o grupo de parichara do IF-CAM foi convidado para participar da

5ª Assembleia Estadual da Juventude Indígena de Roraima com o tema “**juventude unida fortalecendo a memória e trajetória do movimento indígena**”, aconteceram nos dias 25, 26 e 27 de maio no Centro Regional Lago Caracaranã, região da Raposa, Terra Indígena Raposa Serra do Sol, local onde acontecem os grandes eventos dos povos indígenas de Roraima. O evento foi realizado pelo CIR e articulado pelos jovens indígenas coordenadores regionais, participaram mais de 800 jovens indígenas de várias regiões do estado de Roraima.

Os alunos além de fazer apresentações culturais participaram de palestras, mesas temáticas, alguns alunos fizeram parte da mesa de debates sobre questões indígenas e puderam contar suas experiências de como é morar e estudar fora da sua comunidade.



5ª Assembleia Estadual da Juventude Indígena de Roraima - Centro Regional Lago Caracaranã -(arquivo pessoal)

M. W aluna do terceiro ano do Curso Técnico em Aquicultura integrado ao ensino médio, já participou como bolsista do Projeto PBAEX – A valorização das Culturas Musicais Indígenas e também participa do grupo parichara, ela relata toda sua trajetória até a chegada ao CAM, fala sobre as dificuldades e benefícios que encontrou no Instituto e porque sempre participou movimentos indígenas:

Meu pai é Wapichana e minha mãe é Macuxi, eu me considero Wapichana que é o que está no meu RANI. Nasci em Boa Vista, depois de uns meses fui morar em uma fazenda perto da Comunidade Raimundão que fica no Alto Alegre e depois de certo tempo fui morar na comunidade do Raimundão com meu pai onde eu comecei a estudar e fiquei até o oitavo ano, no nono ano eu fui morar com a minha no sucuba que é em outra comunidade também no Alto Alegre. Sempre participei de eventos indígenas na minha comunidade, praticamente desde quando eu nasci porque meu pai e minha mãe sempre foram do movimento indígena, minha mãe começou a participar dos movimentos indígenas com 12 anos, e desde quando nasci meu pai me pintava e minha mãe me levava na tipoia para os eventos, e quando já era um pouquinho maior já desfilava e dançava parichara, meu pai e minha mãe sempre me

deram aulas de língua indígena, minha mãe de macuxi e meu pai de Wapichana. Na minha até hoje eles valorizam muito a cultura, além dos eventos que já tinha lá agora tem o festejo do parichara. Chegando aqui a maior dificuldade que sentir foi ficar longe do meu pai, no primeiro dia eu chorei muito, não quis deixar ele ir embora e me deixar aqui, corri atrás dele para ele não ir, até que me acalmei. Logo quando cheguei aqui o grande benefício que percebi que teria foi em relação à estrutura porque quando eu estudava na comunidade eu estudava debaixo de um pé de mangueira e quando chovia a gente corria para de baixo do malocão ou tinha que ir para a casa de alguém e qualquer lugar que agente achava a gente dava um jeito de estudar. As maiores dificuldades que tive foi o convívio com os alunos da minha turma, a maioria é indígena, porém muitos não se aceitam, se declaram como tal, eles mesmos ficam com brincadeiras sem graça e o preconceito, na visão deles a gente é diferente, não é normal, a gente é selvagem ou bicho do mato algo do tipo, só que em nenhum momento eu abaixei a minha cabeça e quis esconder a minha origem de onde eu vim como eu vim o que eu passei, nesse momento eu encontrei vários servidores que se preocuparam com essa questão, mas também encontrei alguns servidores que não estavam nem aí para essa situação e eu sempre achei que isso deveria ser cortado desde o início. Eu acabei conquistando o meu respeito em sala de aula no momento em que eu me esforcei e mostrei para todo mundo que índio não é tudo o que eles pensam, que índio também é inteligente, sabe estudar, tem futuro e quer alguma coisa, e eu mostrei para eles que mesmo vindo de uma comunidade eu era inteligente e capaz. Sobre a questão indígena aqui no Campus percebo que eles falam muito, mas muitas vezes só falam e não fazem nada porque uma vez no ano tem algo realmente prático com os povos indígenas, que é a semana dos povos indígenas, então é o único momento realmente que todos se lembram dos índios, ou quando precisam de alguma coisa, uma apresentação aí eles chamam nosso grupo para participar ou então trazem de alguma comunidade, igual tem índios que só querem ser índios quando tem um vestibular indígena, quando querem alguma declaração do tuxaua, quando querem o RANI para se beneficiar de alguma coisa, acho que aqui a questão indígena é tratado de forma superficial. Aqui também tem muito desinteresse dos alunos muitas vezes acontece as coisas e eles não se interessam em querer participar. Acho que a única pessoa que sempre está aprofundando e desenvolvendo atividades desde quando chegou aqui foi o senhor pelo menos é o único que vejo que está sempre envolvido com a questão indígena. Aqui temos o senhor como espelho que está tentando preservar a nossa cultura. Eu sempre me perguntava para o meu pai o que era ser índio, e queria saber por que chamava a gente de índio, qual a diferença e aí ele sempre me falava quando você crescer você vai saber, e aí realmente com o tempo eu comecei a entender o que é ser índio, na sociedade não somos tão aceitos e o que mais me fez participar dos movimentos indígenas aqui no Campus fazer projetos voltados para a valorização da cultura indígena, ser sua bolsista e participar do grupo parichara, independente de tudo é porque está aqui dentro faz parte de mim, é minha vida, minha história, cada pedaço cada detalhe meu, gosto de falar, dar minha opinião e o principal motivo de participar e querer participar mais e mais é o preconceito com meu povo, eu fico muito doída quando vejo algum parente meu passando por discriminação por ser índio e eu quero mostrar que não assim isso vem do meu coração eu não sinto preguiça de participar desses movimentos. Eu pretendo terminar o Curso Técnico e em Aquicultura e continuar estudando aqui no Curso Superior em Aquicultura e também quero fazer engenharia de pesca ou zootecnia quero colocar tudo que eu aprendi em prática, quero muito também voltar para a minha comunidade para ajudar, lá eles necessitam muito (entrevista 2018).

Precisamos conviver mais próximos dos nossos alunos e poder entender realmente qual a sua realidade, o observar é um fator que é muito esquecido por muitos docentes que estão preocupados em transmitir um conhecimento já padronizado sem testar alternativas que os alunos já podem ter alguma base, isso não vale apenas para à música, mas sim para todas as disciplinas.

Muitos alunos tinham grandes dificuldades com o ritmo e não conseguiam acompanhar o grupo na roda devido à dança do parichara depender totalmente da marcação forte, com o tempo, foram ganhando ritmo e coordenação motora o suficiente para estarem sempre sincronizados. É gratificante participar de um grupo onde primeiro aprendemos com os alunos para depois compartilhar essa experiência.

Conclusões

Percebemos que a música indígena a cada dia passa por um processo de ressignificação, o contato com a cultura não indígena faz com que o modo de vida vá se alterando com rapidez, os mais jovens não têm mais tanto incentivos da comunidade, muitos tuxauas são evangélicos, e, devido à religião, acabam abandonando a cultura materna. Então, a música indígena acaba sendo esquecida e dando espaço para as músicas que estão nas mídias.

Apesar de toda negação e esquecimento que a música indígena vive, pode-se considerar que ela ainda sobrevive, e é um elemento da nossa cultura. Percebe-se a necessidade de levar a música para os cursos de formação de professores para o ensino da música, e também para as escolas, para que haja um conhecimento e empoderamento sobre sua história. Tendo em vista o parágrafo 2º do artigo 26-A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que afirma que o conteúdo programático de história e cultura afro-brasileira e indígena deve abordar “o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.” (LDB, 2007, p. 20), temos que tomar conhecimento da cultura indígena como personagem de nossa história.

Estudar as culturas dos povos indígenas de Roraima atualmente constituiu-se num grande desafio, devido à mistura das etnias em muitas comunidades, e são poucas as referências e literatura que tratam desses povos, especialmente quando se trata da sua música.

Concluindo a pesquisa, observa-se que o cenário da cultura musical indígena no Brasil, em geral, é preocupante, porque está em jogo a continuidade não só dos cantos e danças, mas da verdadeira cultura nativa desse país. Isso não só dentro das escolas ou Universidades, mas até mesmo dentro das próprias comunidades indígenas, devido à grande influência da mídia e, principalmente, das igrejas que, em alguns casos, proíbem os antigos rituais, danças e cantos. É importante a implementação de políticas públicas que venham ao encontro da manutenção das culturas indígenas, a fim de evitar a sua total desagregação, especialmente no que diz respeito à sua cultura.

Referências

ALMEIDA, Berenice de; PUCCI, Magda Dourado. **Outras terras, outros sons: um livro para o professor**. São Paulo: Callis, 2015.

BRASIL. LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Lei nº 9.394/96**, de 20 de dezembro de 1996. BRASÍLIA, 2016. 15

CANEN, Ana; PERELI, Giseli de Moura Xavier. **Formação continuada de professores para a diversidade cultural: ênfases, silêncios e perspectivas**. Revista Brasileira de Educação v. 16 n. 48 set.-dez. 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. -9. reimpr.- São Paulo: Atlas, 2007.

SANTIAGO, Renan; IVENICKI, Ana. **Diversidade musical e formação de professores (as): qual música forma o (a) professor (a) de música?** Rev. FAEEBA – Ed. e Contemp., Salvador, v. 26, n. 48, p. 187-204, jan./abr., 2017.